



DOSSIÊ TEMÁTICO:
RISCOS E VULNERABILIDADES NA ÁFRICA SUBSAARIANA

Entrevista



OS DESAFIOS DA GESTÃO DE TERRITÓRIOS URBANOS EM
SITUAÇÃO DE RISCO DIANTE DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Por Frédéric Monié & Mussá Abdul Remane

Frédéric Monié
Programa de Pós-Graduação em Geografia
(PPGG), Universidade Federal do Rio de
Janeiro; Coordenador do GeoÁfrica
orcid.org/0000-0002-8738-3301
Contato. fredericmonie@igeo.ufrj.br

Mussá Abdul Remane.
Professor na Universidade Pedagógica de
Maputo, Moçambique; Pesquisador do
Grupo GeoÁfrica;
<http://lattes.cnpq.br/1457858453205999>
Contato: mareman2@gmail.com

Biografia. Gustavo Sobrinho Dgedge é
Doutorado em Ciências Ambientais
desde 2004 pela Universidad Alcalá de
Henares, Madrid, Espanha e Professor
Associado da Universidade Pedagógica
de Maputo. Lecciona nos Programas de
Doutoramento e de Mestrado da
Faculdade de Ciências da Terra e
Ambiente e da Faculdade de Ciências
Naturais e Matemáticas da Universidade
Pedagógica de Maputo, Universidade
Politécnica Apolitécnica, UniRovuma,
UniLicungo, UniPúngue, UniSave e
Instituto Politécnico de Gaza. Pesquisa na
área de riscos ambientais, gestão de
recursos naturais e geografia física.

Como citar:
DGEDGE, G; MONIÉ, F.; REMANE, M.A. Os
desafios da gestão de territórios urbanos em
situação de risco diante das mudanças climáticas.
Entrevista com Gustavo Sobrinho Dgedge.
Boletim GeoÁfrica, v. 2 n. 8, p. 9-13, out-dez,
2023.





Entrevista do Professor Gustavo Sobrinho Dgedge¹

Questão 1. *O professor considera que a África Subsaariana é uma região frequentemente afetada pelos fenómenos naturais perigosos associados as mudanças climáticas? Poderia citar alguns exemplos dos efeitos das mudanças climáticas em algumas cidades da região que considera emblemáticos?*

De facto a nossa África Subsaariana nos últimos anos tem sido afectada grandemente por fenómenos associados a mudanças climáticas. No caso concreto de Moçambique quase todas as cidades do litoral são afectadas ciclicamente por ciclones e vendavais acompanhados por precipitações elevadas que ocasionam inundações. Temos exemplos das cidades da Beira que ficou famosa pelo evento do Ciclone Idai. Mas também temos a de Quelimane que também está na rota dos ciclones e Pemba.

A África subsaariana tem sofrido muito com os efeitos das mudanças climáticas. Cidades africanas de mais de 19 países têm sido afectadas no período de chuvas e isso tem causado danos a mais de 43 milhões de pessoas. O problema se agrava quando coincide com países com graves problemas alimentares.

Durban, na África do Sul, é o exemplo de uma das cidades afectadas nos últimos anos. Por exemplo, em 2022 morreram 443 pessoas e mais de 250 escolas foram afectadas. Estas chuvas tornam-se mais perigosas porque além de inundações, originam deslizamentos de terras. Os dados indicam que cidades como Maputo, Beira, Dar es Salaam tem sido, também, grandemente impactadas.

Questão 2. *No caso específico do Moçambique, quais são os fenómenos naturais mais frequentes que tornam as principais cidades em situações de riscos? Poderia mencionar alguns factores que tornam as principais cidades moçambicanas vulneráveis aos fenómenos naturais perigosos?*

No caso de Moçambique os fenómenos naturais mais falados e noticiados são: inundações, secas, ciclones, precipitações intensas, deslizamentos de terras. Nas últimas décadas, as cidades estão a tornar-se áreas perigosas. Isso deve-se ao facto do incremento da exposição devido a ocupação das áreas perigosas sem a implementação das respectivas medidas de mitigação estruturais e não estruturais.

¹ A entrevista foi realizada por e-mail. As respostas foram recebidas em 24 de Fevereiro de 2024

Observa-se em Moçambique, produto do crescimento populacional e a não observância dos planos de ordenamento territorial, a ocupação de áreas deprimidas que constituem bacias de recepção, a transformação de áreas propensas a inundações em áreas habitáveis sem implementação de modelos de construção para este tipo de áreas, assim como a construção de habitações em áreas propensas a ventos fortes, sem a observância de modelos de construção para este tipo de fenómeno. As cidades capitais de todas as províncias são hoje em dia propensas a inundações tanto pluvial como fluvial e marinho. Maputo, Xai-Xai, Inhambane, Beira, Tete, Quelimane apenas para citar algumas, são cidades nas quais a população fica apreensiva no período chuvoso devido a inundações.

Nacala, Massinga, Maxixe, Pemba Beira têm sofrido danos derivados dos ciclones. Nacala ainda sofre com erosão devido a chuvas intensas em áreas de encostas densamente povoadas. Como se pode verificar, factores mistos (antrópicos e naturais) actuam conjuntamente nestas áreas. O desmatamento, expansão urbana para áreas de perigo, degradação das infraestruturas de saneamento e escoamento de águas pluviais, acúmulo de resíduos e assoreamento dos canais de drenagem, constituem factores aceleradores das inundações.

Figura 1. Enchentes em Maputo



Fonte: Romeu da Silva/DW

Figura 2. Destruição provocada pelo ciclone Idai na cidade de Beira



Fonte: s/a



Questão 3: *Na história de ocorrência de desastres naturais em Moçambique, quais são os maiores impactos registados? Quais acções de mitigação e de adaptação foram desenvolvidas em colaboração com as autoridades locais?*

Existem registos de desastres naturais desde os anos 1900. Significa que os danos foram sempre significativos. Por exemplo, no Baixo Limpopo, na zona Sul, as inundações de 1955 levaram a construção dos diques marginais de defesa contra inundações no Médio e Baixo Limpopo, assim como a construção da Baragem de Massingir que tem contribuído para a redução das ondas de cheias no rio dos Elefantes, evitando inundações catastróficas a jusante, enquanto que a de 1977 levaram a tomadas de medidas não estruturais dando origem aos primeiros reassentamentos massivos nas encostas do Vale do Rio Limpopo.

Existem medidas de adaptação em todo o país como a construção de canais de drenagem, como aconteceu nas cidades de Maputo e Beira, tornando as áreas mais deprimidas habitáveis e reduzindo o tempo de inundação.

As autoridades locais têm colaborado mediante a criação dos Comitês Locais de Gestão de Desastres Naturais. Estes contribuem para disseminar os avisos de perigo, gestão durante o evento e auxiliam na identificação e mapeamento dos danos e implementação das medidas de socorro e ajuda pós-evento. Existem em Moçambique mais de mil Comitês que têm contribuído para a redução de mortes devido a evacuação antecipada das zonas de perigo.

Questão 4. *Quais os actores (União africana, SADC, governos nacionais, autoridades locais, ONGs locais e estrangeiras etc.) se mobilizam de maneira bem-sucedida na luta contra os efeitos das mudanças climáticas na África subsaariana, particularmente em Moçambique?*

Em Moçambique existe o Instituto Nacional de Gestão e Redução de Risco de Desastre (INGD) que é o órgão responsável pela gestão de todos os eventos que acontecem no País. Este órgão colabora com vários organismos nacionais e internacionais como o Banco Mundial que disponibiliza os fundos para as diferentes fases como a de preparação mediante o treinamento com exercícios de simulação nas comunidades, disponibiliza os fundos para as capacitações dos Comitês Locais de Gestão de Risco, disponibiliza os fundos para as fases de reconstrução e recuperação como foi após o Ciclone Idai em que foi criado o GREPOC (Gabinete de Reconstrução Pós Ciclone). Está também o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) que também disponibiliza fundos de reconstrução.



Ao nível local existem numerosas Organizações Não-Governamentais que actuam directamente nas comunidades, capacitando, apoiando em alimentos e vestuário, assim como Instituições como a Cruz Vermelha de Moçambique, Cáritas, OXFAM, FAO, e outras numerosas com dimensão mais local nas comunidades.

Questão 5. *Como avalia a mobilização das sociedades civis e o meio académico frente aos desafios das mudanças climáticas?*

Avalio de forma positiva, por exemplo, a Universidade Pedagógica de Maputo introduziu a disciplina de Gestão de Riscos Ambientais no seu currículo desde os anos 2005. Foi a primeira instituição a nível nacional a formar técnicos nessa área de gestão de riscos e hoje já tem o Mestrado em Gestão de Riscos Ambientais. Isso mostra que os académicos têm produzido muito nesta área.

Existem hoje em Moçambique pós-graduados com o nível de Doutoramento na área de riscos ambientais, alguns dos quais foram meus estudantes e outros fiz parte da banca de defesa de seus doutoramentos como arguente e também como supervisor. Tanto a sociedade civil como o mundo académico estão envolvidos activamente para perceber e contribuir para a mitigação dos efeitos das mudanças climáticas. Existem pesquisas financiadas pelo Fundo Nacional de Investigação para esta área de mudanças climáticas. Eu mesmo coordenei um projecto sobre a gestão de águas pluviais no meio rural, projecto que culminou com a publicação de um livro no qual se mostra como a população faz a gestão das águas pluvias numa comunidade de Mbambane, Chibuto, e que medidas implementa para mitigar a escassez.

A Sociedade Cível é muito activa desenhando projectos de reflorestamento e de educação ambiental nas comunidades. A nível de toda África nota-se esse movimento. Por exemplo, realizou-se em Maputo nos anos passados a conferência sobre o Miombo, estiveram participando nesta conferência pesquisadores de vários quadrantes da sociedade de países africanos tendo se mostrado a preocupação com a preservação da floresta como elemento fundamental para a captura do carbono e amenização do clima, controlo das inundações e produção de bens de sobrevivência.

Em geral, a avaliação é muito positiva.